Childe Rowland

Joseph Jacobs

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Childe Rowland e seus dois irmãos
Estavam jogando bola,
E lá estava sua irmã Burd Ellen
No meio de todos eles.

Childe Rowland a chutou com o pé
E a apanhou com o joelho;
Por fim, ao se lançar entre todos eles,
Fez a bola voar por cima da igreja.

Burd Ellen deu a volta pela nave
E foi procurar a bola,
Mas muito esperaram, e ainda mais,
E ela não voltou outra vez.

Procuraram-na a leste, procuraram-na a oeste,
Procuraram-na por toda parte,
E aflitos estavam os corações daqueles irmãos,
Pois ela não podia ser encontrada.

Por fim, seu irmão mais velho foi ao feiticeiro Merlin, contou-lhe todo o caso e perguntou se ele sabia onde estava Burd Ellen. “A bela Burd Ellen”, disse o feiticeiro Merlin, “deve ter sido levada pelas fadas, porque deu a volta na igreja ‘widershins’ — na direção contrária à do sol. Agora está na Torre

Escura do Rei de Elfland; seria preciso o mais valente cavaleiro da cristandade para trazê-la de volta."

"Se é possível trazê-la de volta", disse seu irmão, "eu o farei, ou morrerei na tentativa."

"Possível é", disse o feiticeiro Merlin, "mas ai do homem ou filho de mulher que o tentar, se antes não lhe ensinarem bem o que deve fazer."

Nenhum medo do perigo faria o irmão mais velho de Burd Ellen desistir de tentar trazê-la de volta; por isso, pediu ao feiticeiro Merlin que lhe dissesse o que devia fazer e o que não devia fazer ao ir buscar sua irmã. E, depois de ter recebido os ensinamentos e repetido sua lição, partiu para Elfland.

Mas muito esperaram, e ainda mais,
Com dúvida e muita dor,
Mas aflitos estavam os corações de seus irmãos,
Pois ele não voltou outra vez.

Então o segundo irmão se cansou e se cansou de esperar, foi ao feiticeiro Merlin e lhe perguntou o mesmo que seu irmão. Assim, partiu para encontrar Burd Ellen.

Mas muito esperaram, e ainda mais,
Com muita dúvida e dor,
E aflito estava o coração de sua mãe e de seu irmão,
Pois ele não voltou outra vez.

E, depois de esperarem e esperarem por muito tempo, Childe Rowland, o mais novo dos irmãos de Burd Ellen, quis ir e procurou sua mãe, a boa rainha, para pedir que o deixasse partir. Mas, a princípio, ela não quis, pois ele era o último e o mais querido de seus filhos, e, se o perdesse, tudo estaria perdido.

Mas ele pediu e pediu, até que, por fim, a boa rainha o deixou ir e lhe deu a boa espada de seu pai, que nunca golpeava em vão; e, enquanto a cingia à cintura dele, pronunciou o encantamento que lhe daria a vitória.

Assim, Childe Rowland se despediu da boa rainha, sua mãe, e foi à caverna do feiticeiro Merlin. “Mais uma vez, e só mais uma vez”, disse ao feiticeiro, “diga como um homem ou filho de mulher pode resgatar Burd Ellen e seus dois irmãos.”

“Pois bem, meu filho”, disse o feiticeiro Merlin, “há somente duas coisas: simples podem parecer, mas difíceis são de fazer. Uma coisa a fazer e uma coisa a não fazer. E a coisa a fazer é esta: depois de entrar na terra das fadas, a quem quer que fale com você, até encontrar Burd Ellen, deve sacar a espada de seu pai e cortar-lhe a cabeça. E o que não deve fazer é isto: não coma um bocado nem beba uma gota, por mais fome ou sede que tenha; beba uma gota ou coma um bocado enquanto estiver em Elfland, e nunca mais verá a Terra do Meio.”

Então Childe Rowland repetiu as duas coisas muitas e muitas vezes, até sabê-las de cor, agradeceu ao feiticeiro Merlin e seguiu seu caminho. E andou, e andou, e andou, e andou ainda mais, até chegar ao tratador de cavalos do Rei de Elfland, que alimentava seus cavalos. Reconheceu-os pelos olhos de fogo e soube que, por fim, estava na terra das fadas. “Pode me dizer”, perguntou Childe Rowland ao tratador de cavalos, “onde fica a Torre Escura do Rei de Elfland?” “Não posso lhe dizer”, respondeu o tratador de cavalos, “mas siga mais um pouco e chegará ao vaqueiro, e ele talvez possa lhe dizer.” Então, sem mais uma palavra, Childe Rowland desembainhou a boa espada que nunca golpeava em vão, e lá se foi a cabeça do tratador de cavalos; e Childe Rowland seguiu adiante até chegar ao vaqueiro e lhe fazer a mesma pergunta. “Não posso lhe dizer”, respondeu ele, “mas siga mais um pouco e chegará à

tratadora de galinhas, e ela com certeza saberá." Então Childe Rowland sacou sua boa espada, que nunca golpeava em vão, e lá se foi a cabeça do vaqueiro. E andou mais um pouco, até encontrar uma velha de manto cinzento, e perguntou se ela sabia onde ficava a Torre Escura do Rei de Elfland. "Siga mais um pouco", disse a tratadora de galinhas, "até chegar a uma colina verde e redonda, cercada de terraços em anéis, da base ao topo; dê três voltas ao redor dela, widershins, e a cada vez diga:

Abra, porta! Abra, porta!
E me deixe entrar.

E, na terceira vez, a porta se abrirá, e você poderá entrar." E Childe Rowland já ia seguir adiante quando se lembrou do que tinha de fazer; então sacou a boa espada, que nunca golpeava em vão, e lá se foi a cabeça da tratadora de galinhas.

Depois andou, e andou, e andou, até chegar à colina verde e redonda, com os terraços em anéis do topo à base; e deu três voltas ao redor dela, widershins, dizendo a cada vez:

Abra, porta! Abra, porta!
E me deixe entrar.

E, na terceira vez, a porta de fato se abriu, e ele entrou; ela se fechou com um estalido, e Childe Rowland ficou no escuro.

Não era exatamente escuridão, mas uma espécie de crepúsculo ou penumbra. Não havia janelas nem velas, e ele não conseguia perceber de onde vinha aquela luz crepuscular, se não era através das paredes e do teto. Eram arcos rústicos feitos de uma rocha transparente, incrustada de mica e espato de rocha e outras pedras brilhantes. Mas, embora fosse rocha, o ar era bastante

quente, como sempre é em Elfland. Assim, seguiu por essa passagem até chegar, por fim, a duas portas de duas folhas, largas e altas, que estavam entreabertas. E, quando as abriu, viu uma cena maravilhosa e gloriosa. Um salão grande e espaçoso, tão grande que parecia ter o mesmo comprimento e a mesma largura da própria colina verde. O teto era sustentado por belas colunas, tão grandes e elevadas que as colunas de uma catedral nada eram em comparação. Eram todas de ouro e prata, com trabalho cinzelado, e entre elas e ao redor delas havia grinaldas de flores, compostas de quê, vocês acham? Ora, de diamantes e esmeraldas e toda espécie de pedras preciosas. E as próprias pedras centrais dos arcos tinham como ornamentos cachos de diamantes, rubis, pérolas e outras pedras preciosas. E todos esses arcos se encontravam no meio do teto, e bem ali, pendurada por uma corrente de ouro, havia uma imensa lâmpada feita de uma única pérola grande, escavada por dentro e inteiramente transparente. E no meio dela havia um enorme, gigantesco carbúnculo, que não parava de girar e girar; e era ele que, com seus raios, iluminava todo o salão, que parecia receber a luz do sol poente.

O salão era mobiliado com igual magnificência, e numa de suas extremidades havia um esplêndido divã de veludo, seda e ouro; e lá estava sentada Burd Ellen, penteando seus cabelos dourados com um pente de prata. E, quando viu Childe Rowland, levantou-se e disse:

"Deus tenha piedade de você, pobre tolo sem sorte,
O que veio fazer aqui?

"Ouça isto, meu irmão mais novo,
Por que não ficou em casa?
Se tivesse cem mil vidas,
Não poderia poupar nem uma.

"Mas sente-se; mas ai, oh, ai,
Que tenha nascido um dia,
Pois, quando entrar o Rei de Elfland,
Sua sorte estará perdida."

Então se sentaram juntos, e Childe Rowland lhe contou tudo o que havia feito; e ela lhe contou como os dois irmãos tinham chegado à Torre Escura, mas haviam sido encantados pelo Rei de Elfland e lá jaziam sepultados, como se estivessem mortos. E, depois de conversarem mais um pouco, Childe Rowland começou a sentir fome por causa de sua longa viagem, disse à irmã Burd Ellen quanta fome tinha e pediu alguma comida, esquecendo por completo o aviso do feiticeiro Merlin.

Burd Ellen olhou tristemente para Childe Rowland e balançou a cabeça, mas estava sob um encantamento e não podia avisá-lo. Assim, levantou-se, saiu e logo voltou trazendo uma bacia de ouro cheia de pão e leite. Childe Rowland já ia levá-la aos lábios quando olhou para a irmã e se lembrou de por que tinha vindo de tão longe. Então atirou a tigela ao chão e disse: "Não engolirei um gole nem comerei um bocado até que Burd Ellen seja libertada."

Nesse mesmo instante, ouviram o ruído de alguém que se aproximava, e ouviu-se uma voz forte dizendo:

"Fee, fi, fo, fum,
Sinto o cheiro do sangue de um homem cristão,
Esteja morto ou vivo, com minha espada,
Arrancarei seus miolos da caixa craniana."

E então as portas de duas folhas do salão se abriram violentamente, e o Rei de Elfland entrou correndo.

“Golpeie, então, espectro, se ousar!”, gritou Childe Rowland, e correu para enfrentá-lo com sua boa espada, que jamais havia falhado. Lutaram, e lutaram, e lutaram, até que Childe Rowland pôs o Rei de Elfland de joelhos e o fez se render e implorar misericórdia. “Eu lhe concedo misericórdia”, disse Childe Rowland; “liberte minha irmã de seus encantamentos, devolva meus irmãos à vida e deixe-nos todos partir em liberdade, e você será poupado.” “Concordo”, disse o rei élfico; e, levantando-se, foi até um baú de onde tirou um frasco cheio de um líquido vermelho como sangue. Com ele, ungiu as orelhas, pálpebras, narinas, lábios e pontas dos dedos dos dois irmãos, e eles imediatamente saltaram de volta à vida e declararam que suas almas tinham estado longe, mas agora haviam retornado. O rei élfico disse então algumas palavras a Burd Ellen, e ela ficou desencantada; e os quatro saíram do salão, atravessaram a longa passagem e deram as costas à Torre Escura para nunca mais voltar. Assim, chegaram à sua casa e à boa rainha, sua mãe; e Burd Ellen nunca mais deu a volta numa igreja widershins.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Marcelo Castro Barbosa, assistido por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/childe-rowland-joseph-jacobs